

VIDA NOVA¹

Graciliano Ramos



[39]² A nossa casa era na rua da Palha, junto à de D. Clara, pessoa grave que tinha diversos filhos, um gato, marido invisível. Uma parenta dela, irmã ou sobrinha, pálida, franzina, dessas criaturas que não pedem, não desejam, não falam, aparecem quando são necessárias e logo se somem para não receber agradecimento, familiarizou-se conosco, tomou conta dos arranjos da instalação. Espanou, esfregou, arrumou as cadeiras pretas, a marquesa, os armários, peças desconhecidas na fazenda. E os baús antigos, cobertos de sola, enfeitados de brochas amarelas. Quem deslocava os objetos pesados e retirava os montões de lixo do quintal seco era um forte negro risonho, tocador de zabumba, mas a vizinha juntava-se a ele, dirigia os músculos grossos. Findos os trabalhos, ausentou-se. Até o nome dela se perdeu.

Meu pai, transformado em comerciante, estabeleceu-se no Largo da Feira. Aí, num socavão triste de que mais tarde me lembrei ao ver subterrâneos em folhetins, passou dias abrindo caixas e fardos, empilhando mercadorias, examinando faturas, calculando, a lápis, em pedaços de papel

¹ RAMOS, Graciliano. Vida Nova. O *Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 1, p. 39, 18. 1 nov. 1941.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

de embrulho. Admirei-o nesse exercício incompreensível, esperei que ele o concluísse, voltasse ao banco do alpendre, aos currais, à vazante. Não voltou. Aproximava-me dele muitas vezes, com recados. E no caminho largo, a princípio me retardava, contemplando as roseiras do jardim, as paredes brilhantes de azulejos, o sobradinho onde havia homens fardados. Isso durou pouco. Minha mãe descobriu nódoas no chão, raspou o tijolo debalde, apavorou-se ao ter notícia de que elas eram sangue de tuberculoso. Lavou muito as mãos, chorou, desesperou-se, convenceu-se de que as hemoptises velhas iam penetrá-la e matá-la. Fechou o quarto contaminado e resolveu mudar-se.

Algun tempo depois, estávamos localizados, negócio e família, numa esquina do beco que ia ter ao Cavalo-Morto. Atrás da loja de quatro portas, duas em cada frente, havia o armazém de ferragens e o depósito de milho, onde eu e minhas irmãs brincávamos. A um lado, a sala de visitas, as cavernas do casal e das meninas, a despensa e a cozinha. Um corredor comunicava a habitação com o estabelecimento, desembocava na sala de jantar, larga e baixa. Aí bancos ladeavam a mesa grosseira, e uma cama de lona escondia-se num canto, a cama que me ofereceram quando larguei a rede armada na sala, por causa das almas do outro mundo.

As almas vieram uma noite, quatro ou cinco, estirando-se e acocorando-se à entrada do corredor. Assustei-me, gritei, acordei toda a gente, descrevi as figuras luminosas que se moviam na escuridão, subindo, baixando. Quando subiam, as cabeças delas alcançavam o teto. Fui deitar-me em outro lugar e no dia seguinte obtive uma notoriedade que me desgostou. Repetiram o fato, acreditaram nele, responsabilizaram-me por minudências de que não me recordava. Podia um ser tão miúdo inventar

aquelas coisas? Envergonhava-me, queria evitar os exageros, dizer que a minha história não merecia importância, e receava desprestigiar-me. Eu tinha julgado perceber umas luzes — e as luzes tomavam corpo de repente, entravam nas conversas. Senti remorso, desejei reduzir as minhas almas. Tinha-me assombrado à toa. Não estava, porém, muito certo disto. Afirmaram, desenvolveram o estranho caso — e, por fim, admiti a visão. Talvez não me houvesse enganado completamente. Não enxergara as claridades que se alongavam e encurtavam, mas devia ter visto qualquer coisa medonha.

Transferido para a sala de jantar, esqueci pouco a pouco a aventura e apaguei-me, reassumi as proporções ordinárias. Ficou-me, entretanto, um resto de pavor, que, livre [18] do mistério e do sonho, se confundiu com os receios domésticos. Arrepios súbitos, cabelos eriçados, tremura nas mãos, um frio enorme por dentro, mudez, tonturas, se alguém me falava. Nas trevas das noites compridas, consegui afugentar perigos enrolando-me todo, deixando apenas o rosto descoberto. Uma ponta do lençol envolvia a testa, rodeava a cara, prendia-se debaixo do queixo. Sentia-me assim protegido: nenhum fantasma viria ameaçar-me a boca, o nariz e os olhos expostos. Se o pano se soltava, enchia-me de terrores. Era preciso que as orelhas e o couro cabeludo se escondessem, provavelmente por serem as partes mais sujeitas a acidentes. Talvez os duendes viessem magoá-las, proceder como os indivíduos de carne e osso.

Vivíamos numa prisão, mal adivinhando o que havia na rua, longos meses enevoadas. Do mundo, conhecíamos o beco. Dava para ele o portão do quintal, sempre fechado, mas da janela do armazém, trepando em rolos de arame, víamos, em dias de sol, matutos de saco no ombro, cavalos

amarrados num poste grosso, transeuntes que se chegavam cautelosos ao muro, espiavam os arredores e se afastavam depois de molhar o tijolo vermelho e a areia branca.

A alguns passos, na outra esquina, uma casa semelhante à nossa. Mercearia e família. Três meninos, uma senhora magra, nervosa, um homem de pernas finas metidas em calças estreitas demais, pernas que lhe tinham rendido a alcunha. Desajeitado em cima delas, Teotoninho Sabiá piscava os olhos amarelos de ave, sacudia as grandes asas depenadas e bocejava um cacarejo inexpressivo. Observávamos pedaços de vida, namorávamos o oitão da outra gaiola, aberta, e tínhamos inveja imensa dos Sabiás pequenos, desejávamos correr e voar com eles.

Nos dias de inverno, o beco se transformava num rego de água suja, onde se desfaziam complicados edifícios e navegavam barquinhos de papel sob o comando de um garoto enlameado. A garoa crescia. A chuva oblíqua, imperceptível há algum tempo, enregelava-nos. Uma cortina oscilante ocultava os móveis, as prateleiras da loja. Os tecidos criariam mofo, os metais se oxidariam. Fechavam-se as portas e as janelas. As figuras moviam-se na sombra, indeterminadas.

Ia recolher-me à cama da sala de jantar, envolvia-me nas cobertas úmidas, defendia as orelhas e os cabelos. A lona ia-se tornando côncava, formava uma cova, e aí me achava provisoriamente em segurança. A vista, quase inútil, enxergava a custo as poças do quintal, as manchas que se alargavam nas paredes, a telha escura, uma quina da prensa de farinha, velha e carunchosa, caída no alpendre. Vinha da cozinha um cheiro acre de lenha verde queimada, a fumaça unia-se à poeira da água, engrossava a fuligem que tingia as teias de aranha. Na despensa, havia uma enorme bica de

madeira, espécie de cocho, que nas trovoadas se enchia, transbordava, com surdo rumor. Depois aquilo amansava, ficava dias e dias atirando pingos no chão, derramando além do copiar um esguicho leve e silencioso que o vento agitava.

Não se distinguia nenhum ruído fora a cantiga dos sapos do açude da Penha, feita de vozes muito diferentes umas das outras, agudas, graves, lentas, apressadas, e no meio delas sons intermediários ou discordantes e o berro do sapo-boi, bicho terrível que morde como cachorro e, se pega um cristão, só o larga quando o sino toca. Foi Rosenda lavadeira quem me explicou isto. Admirável o sino, que influenciava habitantes das águas. Como seria o sapo-boi? Pelo grito, devia ser brado, enorme. E, segundo as informações, possuía natureza igual à natureza humana. Esquisito. Se eu pudesse correr, sair de casa, molhar-me, enlamear-me, deitar barquinhos de papel no enxurro e fabricar edifícios de areia, com o Sabiá novo, certamente não pensaria nessas coisas. Seria uma criatura viva, alegre. Só, encolhido, o jeito que tinha era ocupar-me com o sapo-boi, quase um homem, sensível aos sinos. Nunca os sinos me haviam impressionado.

Sapo-cururu

Da beira do rio.

Não me bote na água, maninha:

Cururu tem frio.

Cantiga para embalar crianças. Os cururus do açude choravam com frio, de muitos modos, gritando, soluçando, exigentes ou resignados. Eu também tinha frio e gostava de ouvir os sapos, estimava que eles se manifestassem.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

